

25 JAN 1995

# Márcio Moreira Alves

■ DE BRASÍLIA



## Renovação? Nem tanto

Os americanos não entendem: como é que mais da metade dos deputados de uma Câmara muda de uma eleição para outra? Lá, como têm o voto distrital, a renovação é mínima, menos de 5%, e alterações mais profundas, como as ocorridas com a recente vitória do Partido Republicano, tomando a maioria do Partido Democrata, só acontecem uma vez em cada geração.

Realmente, olhando assim, na superfície, é difícil de explicar altas taxas de renovação em um país estruturalmente conservador como o Brasil. Mas, se olharmos um pouco mais fundo, verificaremos que a renovação é muito menor do que parece e que as alterações de posições ideológicas levam tempo, como em qualquer outra democracia consolidada.

A maior parte dos deputados considerados novos não o são. Ou por outra: zero quilômetro, gente que virá a Brasília sem jamais ter passado por outro cargo eletivo, é raridade. Na bancada do Rio de Janeiro, onde o fenômeno foi mais comum, há o dente-de-leite Lindbergh Farias, ex-presidente da UNE, o verde Fernando Gabeira, os petistas Maria da Conceição Tavares e Milton Temer e os empresários Márcio Fortes e Procópio Lima Neto. Procópio, aliás, conseguiu a façanha de sair eleito de Volta Redonda, com os votos dos trabalhadores da empresa que ajudou a privatizar, a CSN.

O exame da lista de recém-eleitos demonstra que são, em grande parte, ex-deputados estaduais, ex-secretários dos governos locais ou ex-prefeitos. Houve estados em que os políticos preferiram ficar no legislativo estadual a tentar uma cadeira federal. Em Minas, por exemplo, os deputados estaduais ganham mais e estão mais bem instalados que os de Brasília. Apenas três tentaram a promoção, que só foi conseguida pela deputada Maria Elvira Ferreira, do PMDB.

Não se podem considerar como deputados novos os ex-governadores Franco Montoro, de São Paulo; Newton Cardoso, de Minas, ou Moreira Franco, do Rio de Janeiro. É gente tão antiga que ainda voa de avião. Tampouco cabem na lista de novidades ex-prefeitos como o de Ma-

naus, Arthur Virgílio Neto; de Santos, Telma de Souza; de Ipatinga, Chico Vigilante; de Rende, Noel de Oliveira, ou de Limeira, Jurandir Paixão. O ex-prefeito de Campina Grande, Cassio Cunha Lima, é filho do agora senador Ronaldo, que já o fizera o deputado mais jovem do país, em 1986.

Nomes já quase históricos ressurgiram nas eleições. Almino Afonso, que foi cassado em 1964, quando exercia a liderança do PTB de João Goulart e era deputado pelo Amazonas, volta agora por São Paulo, no PSDB. Paes de Andrade, do Ceará, e Nelson Marchesan, do Rio Grande do Sul, já foram até presidentes da Câmara dos Deputados. Finalmente, Adhemar de Barros Filho, de São Paulo, e Mathews Schmidt, do Rio Grande do Sul, já eram deputados federais em 1966. São contemporâneos da primeira eleição do mais antigo deputado da casa, o carioca Rubens Medina, que já está no seu oitavo mandato consecutivo e não tarda e entrar no inventário dos móveis e utensílios.

Deputados estreantes existem, sim, e muitos são promissores. Boa parte está no PT e vem do movimento sindical, sendo Jair Meneghelli o mais conhecido. A bancada de economistas ganhará Antonio Kandir, de São Paulo, e a suave Yeda Crusius, gaúcha, além da feroz Conceição Tavares. Marta Suplicy, célebre sexóloga, deve a sua eleição ao espaço que ocupa nas colunas de debates da imprensa paulista. Outro eleito pela mídia é o jornalista do programa "Aqui Agora", da SBT, Celso Russomano. Conseguiu ter mais votos que Franco Montoro, o que não dá aos paulistas um atestado de clarevidência. Finalmente há as educadoras, Zulaie Cobra, de São Paulo e Ester Grossi, gaúcha. Ester, que se notabilizou pela frequência com que muda a cor dos cabelos, breve terá de escolher entre dar opiniões a respeito da educação nacional ou recomendar marcas de corantes.

O resumo desta análise é simples: apesar da mudança de nomes, não houve grandes mudanças de opções ideológicas. Esperemos que, apesar disto, as mudanças de compostura tenham sido maiores.